

O COLOQUIALISMO E A NORMA PADRÃO NA FALA COTIDIANA DE FUTUROS PROFISSIONAIS

Édima de Souza Mattos
Raquel Tiemi Masuda Mareco

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi pesquisar a fala cotidiana de universitários dos cursos de Letras e Comunicação Social da UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista de Presidente Prudente. Verificou-se a existência de desvios significativos no uso de aspectos formais da língua, os quais foram analisados com base em teóricos que tratam da linguística, da sociolinguística e da gramática de nossa língua. Espera-se, com o resultado desta, incentivar os sujeitos da pesquisa a buscarem mais conhecimento sobre a língua que os colocará no mercado de trabalho, pois tanto o professor de língua portuguesa, como o futuro jornalista e/ou o publicitário, são usuários assíduos da Língua padrão e das variedades linguísticas da língua portuguesa e influenciam outros falantes.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, coloquialismo, norma culta.

ABSTRACT: *The aim of this paper was to research the daily speech of Modern Language and Social Communication university students from Unoeste – Universidade do Oeste Paulista from Presidente Prudente. It was verified the existence of significant mistakes in the use of formal language aspects, which were analyzed with basis on theoreticians who deal with linguistics, sociolinguistics and grammar of our language. We expect, through the results of this research, stimulate the participants to search for knowledge about the language they will work with, because the Portuguese language teacher, the journalist and/or the advertising executive are frequent users of the educated norm and the Portuguese language linguistic varieties and they are influential to other speakers.*

KEYWORDS: *communication, colloquialism, educated norm.*

1 - Introdução

A transformação de uma língua opera-se pelo constante contato com outras línguas ou mesmo com variantes regionais e sociais. Esse processo é inevitável, porque nenhum povo vive isolado. Porém, essa transformação afasta o falante do uso da língua padrão. Assim, a distância entre a linguagem coloquial e a norma padrão torna-se cada vez maior.

Na atualidade, o mercado de trabalho exige pessoas com grande potencial para comunicar-se em variadas situações: formais, informais, orais e/ou escritas. Com o domínio da norma culta, o indivíduo sente-se livre para comunicar, e a usa quando necessário.

Quando um indivíduo se expressa, principalmente por meio da fala, conseguimos perceber a que comunidade ele pertence, pois as comunidades linguísticas têm um modo de falar próprio, como afirma Cunha: “a linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional” CUNHA (1975).

A insegurança ao se expressar em situações mais formais, sejam elas orais ou escritas, vem da falta de conhecimento de uma linguagem mais apurada. É difícil comunicar-se em diversas situações quando o indivíduo tem conhecimento de apenas uma variedade linguística.

Em nosso país, o ingresso em curso superior é um privilégio para poucos. Há muitas pessoas desinformadas e desatualizadas. Para essas pessoas a referência de uma língua “bem-falada”, “cultura”, é a língua utilizada pelo professor de português, pelo jornalista e pelas campanhas publicitárias. Esses profissionais têm o poder de influenciar outros falantes; então, é preciso que esses “influenciadores” tenham o domínio da variedade culta da língua, além das variedades coloquiais.

O embasamento teórico da presente pesquisa teve como escopo a gramática da Língua Portuguesa e, principalmente teorias da Sociolinguística. “A Sociolinguística é a parte da linguística cujo domínio se divide com o da etnologia, da sociologia, da linguagem, da geografia linguística e da dialetologia” (DUBOIS, 2006). O objeto de estudo da Sociolinguística é a variação linguística, ou seja, um tipo de linguagem usada por um determinado grupo social, que se difere da linguagem de outros grupos.

A existência de diversas linguagens é um fato que deve ser considerado em se tratando de comunicação ou adequação linguística. O importante, no uso da linguagem, é saber adequá-la conforme o ambiente, a situação e o público. Nesse sentido, Maurizio Gnerre afirma que:

todo ser humano tem que saber:

- a) Quando pode e quando não pode falar;
- b) que tipo de assunto pode-se falar;
- c) que tipo de variedade linguística é oportuno que se use. (GNERRE, 1994).

Marcuschi, também, faz uma afirmação a respeito dessa temática:

[...] falar ou escrever bem não é ser capaz de aplicar regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (MARCUSCHI, 2003).

Em relação à autoestima linguística, Bagno (2001) diz o seguinte: “o “falar errado” pode criar uma baixa auto-estima lingüística: os brasileiros em geral têm vergonha ou medo de falar e de escrever em situações mais formais”.

A insegurança ao se expressar em situações mais formais, sejam elas orais ou escritas vem da falta de conhecimento de uma linguagem mais apurada. É difícil comunicar-se em diversas situações quando o indivíduo tem conhecimento de apenas uma variedade linguística. Por isso Antônio Luis Sacconi afirma:

[...] um indivíduo só pode dizer-se livre no âmbito da comunicação lingüística, quando conhece várias modalidades da língua e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolingüística. O ideal é que o indivíduo seja poliglota dentro de sua própria língua (SACCONI, 1995).

Há pessoas que defendem o falar do modo como se escreve. Em relação a isso Bagno expõe que “O importante é ter sempre em mente que nem tudo o que escreve se pronuncia, assim como nem tudo que se pronuncia se escreve” (BAGNO, 2001, p. 87).

Gnerre completa a citação acima:

“A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como “corpus” definido de valores fixados na tradição escrita”. (GNERRE, 1994).

Nessa perspectiva, destacamos, ainda, os teóricos abaixo:

“Ao estar em contato constante com diversas variedades, inclusive a padrão, o aprendiz tem diante de si, formas lingüísticas a sua escolha, para qualquer contexto ou situação” (CARVALHO, 2005).

Falar contra a “gramatiquice” não significa propor que a escola seja só “prática”, não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor essa atitude, pois já se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão de alterar prioridades, discutir os preconceitos é, certamente, mais importante do que fazer análise sintática, “mais importante” não significa excluir o outro, mas priorizar. (POSSENTI, 2002).

Diante do exposto, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de confirmar ou não a premissa de que há uma distância considerável entre o coloquialismo e a norma padrão da língua portuguesa na comunicação cotidiana de futuros profissionais que, em breve, estarão no mercado de trabalho influenciando outros falantes.

Para tanto, aplicou-se um questionário (anexo I p. 11.), sem identificação contendo vinte (20) questões de múltipla escolha, as quais versavam sobre situações de fala envolvendo os assuntos gramaticais acima citados. Os sujeitos de nossa pesquisa foram alunos do 5º e 6º termos de Letras e 4º, 5º, 6º e 7º termos de Comunicação Social da Universidade do Oeste Paulista, no município de Presidente Prudente. Os dados foram analisados segundo teóricos da gramática normativa e da linguística, elencados nas referências bibliográficas.

Esta pesquisa teve como objetivos documentar a distância entre o coloquialismo e a norma culta, na comunicação cotidiana, de futuros profissionais – Jornalistas, Publicitários e Professores – e, incentivar o interesse em estudar a língua materna, com a finalidade de aumentar o conhecimento sobre seu uso, formal ou informalmente e, assim, melhorar a qualidade de sua comunicação.

O resultado foi disponibilizado para coordenação e direção das faculdades envolvidas no processo, para que os coordenadores levem ao conhecimento dos professores e estes reflitam sobre os desvios da norma padrão cometidos durante a sua interlocução.

2 - Resultados

2.1 - Resultados do Curso de Letras

Conforme fig. 1 (anexo 2, p.14), temos:

- a) Conceito ruim – cor vermelha – de 0% a 20% de acertos: questões 1, 9, 15 e 19. Os conteúdos nas questões deste conceito são: conjugação verbal (1, 15); regência verbal (19); concordância nominal (9);
- b) Conceito insatisfatório – cor laranja – de 21% a 40% de acertos: questões 3, 4, 8, 10, 11, 12, 13, 18 e 20. Nas questões com conceito insatisfatório, estão os conteúdos: regência

verbal (3, 10); emprego e colocação pronominal (4); conjugação verbal (8, 20); concordância verbal (11, 12, 13); concordância nominal (18).

- c) Conceito regular – cor amarela – de 41% a 60% de acertos: questões 5, 6, 7, 14, 16. Neste conceito encontram-se os seguintes conteúdos: concordância nominal (5, 16); conjugação verbal (6); gênero e número de substantivos (7); uso de pronome oblíquo (14).
- d) Conceito bom – cor azul – de 61% a 80% de acertos: questões 2 e 17 as quais avaliaram emprego e colocação pronominal e concordância nominal, respectivamente.

Não houve questões com conceito ótimo. O desempenho médio do referido curso em todos os conteúdos avaliados foi 36%.

Conforme tabela 1 (anexo II, p.14.), observa-se que os futuros professores de língua portuguesa necessitam de mais estudos sobre regência e conjugação verbal, e têm mais facilidade em seguir a norma padrão quando se trata de gênero e número de substantivos e emprego e colocação pronominal.

2.2 - Resultados do Curso de Comunicação Social

De acordo com a fig. 2 (anexo III, p. 15), temos:

- a) Conceito ruim – cor vermelha – de 0% a 20% de acertos: questões 1, 3, 8, 9, 15. O desempenho mais baixo foi apresentado na questão 1 e também na 3, as quais tratam de conjugação verbal do verbo ver no futuro do subjuntivo e regência verbal do verbo ir, respectivamente. Os conteúdos avaliados nas demais questões deste conceito são: regência verbal (8, 15); concordância nominal (9).
- b) Conceito insatisfatório – cor laranja – de 21% a 40% de acertos: questões 4, 5, 6, 7, 10, 11, 16, 18, 19 e 20. Nas questões com conceito insatisfatório, estão os conteúdos: emprego e colocação pronominal (4); concordância nominal (5, 16, 18); conjugação verbal (6, 20); gênero e número de substantivos (7); regência verbal (10, 19); concordância verbal (11).

-
- c) Conceito regular – cor amarela – de 41% a 60% de acertos: questões 12, 13, 14 e 17. Neste conceito encontram-se os seguintes conteúdos: concordância verbal (12); concordância nominal (13, 17); uso de pronome oblíquo (14).
- d) Conceito bom – cor azul – de 61% a 80% de acertos: não houve questões com este conceito.
- e) Conceito ótimo – cor verde de 81% a 100% de acertos: questão 2. O conteúdo avaliado nesta questão foi: emprego e colocação pronominal.

Observa-se, na tabela 2 (anexo III, p. 15), que os futuros jornalistas e publicitários, assim como os futuros professores, tiveram maior dificuldade em seguir a norma padrão quando se tratava da regência verbal, e menor quando se tratava de emprego e colocação pronominal.

2.3 - Resultado geral

Como demonstra a fig. 3 (anexo IV, p.16), temos:

- a) Conceito ruim – cor vermelha – de 0% a 20% de acertos: questões 1, 3, 8, 9, 15 e 19. O desempenho mais baixo foi apresentado na questão 1 e também na 15, as quais tratam de conjugação verbal do verbo ver no futuro do subjuntivo e regência verbal do verbo namorar, respectivamente. Os conteúdos avaliados nas demais questões deste conceito são: regência verbal (3, 19); conjugação verbal (8); concordância nominal (9);
- b) Conceito insatisfatório – cor laranja – de 21% a 40% de acertos: questões 4, 5, 6, 7, 10, 11, 16, 18 e 20. Nas questões com conceito insatisfatório, estão os conteúdos: emprego e colocação pronominal (4); concordância nominal (5, 16, 18); conjugação verbal (6, 20); gênero e número de substantivos (7); regência verbal (10); concordância verbal (11).
- c) Conceito regular – cor amarela – de 41% a 60% de acertos: questões 12, 13 e 14. Neste conceito encontram-se os seguintes conteúdos: concordância verbal (12); concordância nominal (13); uso de pronome oblíquo (14).

-
- d) Conceito bom – cor azul – de 61% a 80% de acertos: questão 17. Esta questão avaliou a concordância nominal.
- e) Conceito ótimo – cor verde de 81% a 100% de acertos: questão 2. O conteúdo avaliado nesta questão foi: emprego e colocação pronominal.

Observa-se, nas tabelas 1 e 2 (anexos II e III, pp. 14 e 15), que os futuros jornalistas e publicitários, assim como os futuros professores, tiveram maior dificuldade em seguir a norma padrão quando se tratava da regência verbal, e menor quando se tratava de emprego e colocação pronominal.

As questões com conceito ruim do curso de Comunicação Social se coincidiram em sua maioria com as do curso de Letras, demonstrando, assim, que ambos os futuros profissionais têm as mesmas dificuldades no uso da norma padrão em seu dia-a-dia.

Quanto às questões com conceito insatisfatório, o desempenho do curso de Letras e o de Comunicação Social diferenciaram-se bastante, apenas a questão 10 obteve o mesmo conceito nos dois cursos, como demonstram as fig. 1 e 2 (anexos II e III, pp. 14 e 15).

Ao divulgarmos o gabarito do questionário, muitos se surpreenderam com algumas respostas. Tinham certeza de que haviam escolhido a resposta correta, segundo a norma padrão e confirmaram utilizar linguagem não-padrão em suas rotinas, muitas vezes, achando que era padrão.

Diante disso, analisamos, abaixo, as questões com os resultados mais preocupantes (questionário – anexo I, pp. 11 ~ 13):

A questão 1 foi a que obteve o pior desempenho. A questão teve como foco a conjugação do verbo *ver* no futuro do subjuntivo. *VIR* tanto pode ser o infinitivo do verbo *vir* quanto o futuro do subjuntivo do verbo *ver*: "Se você a *vir* (verbo *ver*), diga-lhe para *vir* (verbo *vir*) até aqui. O mesmo se sucede com todas as pessoas: "Se vocês os *virem*, digam-lhes para *virem* até aqui".

A questão 3 avaliou a regência do verbo *ir* e colocação pronominal. Os universitários avaliados assinalaram a opção inadequada, em relação à norma padrão, por estarmos avaliando a fala. Alegaram saber o "correto", mas utilizar a forma coloquial. Quanto ao pronome proclítico, admitiram raramente utilizá-lo na fala.

O uso do particípio do verbo pegar foi avaliado por meio da 8 e trouxe como opções: *tem pego e tem pegado*. No livro *A língua de Eulália*, Marcos Bagno explica esse fenômeno, que é chamado hipercorreção. No português-padrão existem alguns verbos que admitem dois tipos de particípios passados, um deles com uma forma mais reduzida, por exemplo, o verbo ganhar – ganho/ ganhado; verbo aceitar – aceito/ aceitado e etc. Por fazerem analogia a verbos como esses, muitos alunos assinalaram a opção *tem pego*. Pego, de tanto ser usado já entrou até para o dicionário, classificado como brasileirismo, embora sob protestos de muitos gramáticos. Mas o caso é que os particípios reduzidos podem ser usados somente quando estão acompanhados pelos verbos ser ou estar. Além do particípio de verbo pegar, a questão 8 avaliou, também a regência do verbo agradecer.

A questão 9 avaliou concordância nominal e regência verbal, com as opções lateral-direito ou lateral-direita e chegar em ou chegar a. A regência do verbo CHEGAR, assim como a do IR, é de conhecimento dos participantes, porém, na fala, utilizam a opção coloquial. Quanto à concordância nominal, os programas de esporte da mídia televisiva pode ter influenciado na resposta, pois eles afirmaram já ter ouvido a forma inadequada na televisão. Por isso, Bechara afirma que:

A desinformação das pessoas e a crescente substituição da leitura por meios de comunicação de massa, causam uma tendência ao coloquial que influenciaram de tal forma no português do Brasil que, a distância entre o nível popular e o nível culto ficou visivelmente marcada [...] BECHARA (2003).

Quanto à questão 15, avaliou a regência do verbo namorar. Namorar quer dizer manter relações de namoro COM alguém (LUFT, 1995). Esse COM acompanha *manter relações* (com) e não *namoro*. Na linguagem coloquial ocorre a regência Namorar com, com bastante frequência, o que pode ter influenciado na resposta assinalada pelos alunos.

O resultado da pesquisa serviu de subsídio e reflexão para o futuro profissional, usuário assíduo da língua, sobre os desvios mais comuns no uso da norma padrão da língua portuguesa e que, às vezes, comprometem o uso da norma culta em situações formais, tais como, entrevistas para emprego, apresentações de monografias, palestras, comunicações orais, ou mesmo na redação de um texto formal, seja ele para o uso profissional, ou para o ingresso em cursos de pós-graduação.

Considerações Finais

Sabe-se que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente na hora de contratar um profissional. Uma linguagem adequada no momento de uma entrevista pode fazer a diferença. A norma culta pode não ser usada o tempo todo, mas é muito importante em momentos formais, quando é inadequado o uso de variantes sociolinguísticas.

A linguagem coloquial está presente na fala de todas as pessoas, inclusive futuros professores de língua portuguesa, jornalistas e publicitários. Ninguém fala como se escreve, mesmo os falantes com alto nível de escolaridade e conhecimento sobre a língua portuguesa.

Nesta pesquisa foi enfocada a fala, portanto, muitos dos participantes disseram, durante o preenchimento do questionário, que se eles fossem escrever jamais escreveriam desse jeito. Uma das questões que os participantes citaram foi a número 3 que traz a regência do verbo ir na oração: vou ao banheiro, segundo eles, nunca escreveriam “vou no banheiro” e se vissem escrito em algum lugar achariam um absurdo, porém, na fala esses pequenos deslizes ocorrem com frequência, não pela falta de conhecimento, mas devido ao meio que conviveram desde a infância. Alegam que “é difícil perder a mania de falar errado, enquanto todos a sua volta falam desse modo. Acaba tornando-se normal”.

Diante desta realidade, incentivou-se esses futuros profissionais a aprofundarem no estudo da língua materna, pois seus alunos, telespectadores e leitores que não tiverem o devido conhecimento da língua reproduzirão os desvios por eles cometidos, acreditando estarem seguindo a norma padrão.

Os futuros professores de língua portuguesa, jornalistas e publicitários não julgam a norma padrão como estranha, pelo contrário, julgam-na como “cult”, “símbolo de conhecimento” e dizem dar muito valor a quem fala e/ou escreve em concordância com ela.

Apesar de termos alcançado o objetivo de conscientizar os futuros profissionais sobre a importância do uso da norma padrão em situações rotineiras de comunicação, o resultado desta pesquisa é preocupante. Fica a certeza de que esses profissionais passarão a diante uma linguagem coloquial em vez da linguagem padrão. Embora a Sociolinguística valorize, também, a linguagem não-padrão, esses futuros profissionais avaliados devem primar pela linguagem padrão, por servirem de “modelos” do “falar bem” e do “falar correto”, para a sociedade.

Frente à realidade apresentada nessa pesquisa, suscitou-se a preocupação com o ensino da língua portuguesa nos cursos universitários. Seria, talvez, o caso de os professores e os alunos universitários investirem em formação contínua, a fim de ampliarem seus conhecimentos linguísticos.

ANEXO I

Questionário

Assinale a frase que, normalmente você utilizaria em seu dia-a-dia para se comunicar.

1 – Você poderia entregar este caderno a Maria?

- a) () Claro, quando eu vê-la, eu entrego.
- b) () Claro, quando eu ver ela, eu entrego.
- c) () Claro, quando eu a vir, eu entrego.
- d) () Claro, quando eu a ver, eu entrego.

2 – Para que você quer o número do meu celular?

- a) () Para mim te ligar no fim de semana.
- b) () Para mim lhe ligar no fim de semana.
- c) () Para eu lhe ligar no fim de semana.
- d) () Para eu te ligar no fim de semana

3 – Apresse-se, estamos atrasados.

- a) () Vou ao banheiro, espere-me.
- b) () Vou no banheiro, espere-me.
- c) () Vou ao banheiro, me espere.
- d) () Vou no banheiro, me espere.

4 – Ela não tinha o direito de contar a verdade.

- a) () Fui eu que contou a verdade.
- b) () Fui eu quem contou a verdade.
- c) () Foi eu quem contei a verdade.
- d) () Foi eu quem contou a verdade.

5 – Que horas são?

- a) () É meio dia e meia.
- b) () É meio dia e meio.
- c) () São meio dia e meia.
- d) () São meio dia e meio.

- 6 – a) () Quando eu pôr as mãos naquele dinheiro, comprarei um carro.
- b) () Quando eu puser as mãos naquele dinheiro, comprarei um carro.
- c) () Quando eu ponhar as mãos naquele dinheiro, comprarei um carro.

- 7 – a) () A alface está cara porque não houveram pancadas de chuva nas últimas semanas.
- b) () O alface está caro porque não houveram pancadas de chuva nas últimas semanas.
- c) () A alface está cara porque não houve pancadas de chuva nas últimas semanas.
- d) () O alface está caro porque não houve pancadas de chuva nas últimas semanas.

- 8 – a) () A policia tem pego muitos ladrões no meu bairro, o que agradou aos moradores.
- b) () A policia tem pego muitos ladrões no meu bairro, o que agradou os moradores.
- c) () A policia tem pegado muitos ladrões no meu bairro, o que agradou aos moradores.
- d) () A policia tem pegado muitos ladrões no meu bairro, o que agradou os moradores.

- 9 – a) () Cafu, lateral-direita da seleção brasileira, teve uma recepção calorosa quando chegou a São Paulo.

-
- b) () Cafu, lateral-direito da seleção brasileira, teve uma recepção calorosa quando chegou a São Paulo.
c) () Cafu, lateral-direito da seleção brasileira, teve uma recepção calorosa quando chegou em São Paulo.
d) () Cafu, lateral-direita da seleção brasileira, teve uma recepção calorosa quando chegou em São Paulo.
- 10 – a) () Assistir ao filme Shrek 3 foi uma perda de tempo, deveríamos ter assistido outro filme em vez desse.
b) () Assistir ao filme Shrek 3 foi uma perda de tempo, deveríamos ter assistido outro filme ao invés desse.
c) () Assistir ao filme Shrek 3 foi uma perda de tempo, deveríamos ter assistido a outro filme em vez desse.
d) () Assistir ao filme Shrek 3 foi uma perda de tempo, deveríamos ter assistido a outro filme ao invés desse.
- 11 – a) () A maioria das pessoas que torcem pelo Corinthians vão aos estádios.
b) () A maioria das pessoas que torcem para o Corinthians vão aos estádios.
c) () A maioria das pessoas que torce pelo Corinthians vão aos estádios.
d) () A maioria das pessoas que torce para o Corinthians vai aos estádios.
- 12 – a) () Ele foi um dos que chegaram atrasados.
b) () Ele foi um dos que chegou atrasados.
c) () Ele foi um dos que chegaram atrasado.
- 13 – a) () Seis meses são muito tempo, a realidade das pessoas podem mudar.
b) () Seis meses é muito tempo, a realidade das pessoas podem mudar.
c) () Seis meses são muito tempo, a realidade das pessoas pode mudar.
d) () Seis meses é muito tempo, a realidade das pessoas pode mudar.
- 14 – a) () Minhas vizinhas blasfemiam o dia inteiro, isso me deixa fora de si.
b) () Minhas vizinhas blasfemam o dia inteiro, isso me deixa fora de mim.
c) () Minhas vizinhas blasfemiam o dia inteiro, isso me deixa fora de mim.
d) () Minhas vizinhas blasfemam o dia inteiro, isso me deixa fora de si.
- 15 – a) () Depois que Pedro começou a namorar Maria, relaxou nos estudos e repetiu o ano.
b) () Depois que Pedro começou a namorar com Maria, relaxou nos estudos e repetiu o ano.
c) () Depois que Pedro começou a namorar Maria, relaxou nos estudos e repetiu de ano.
d) () Depois que Pedro começou a namorar com Maria, relaxou nos estudos e repetiu de ano.
- 16 – a) () A moça dormiu no volante, estava meia cansada.
b) () A moça dormiu ao volante, estava meia cansada.
c) () A moça dormiu no volante, estava meio cansada.
d) () A moça dormiu ao volante, estava meio cansada.
- 17 – a) () Luís, a vítima, todo ensanguentado, foi atendida no local.
b) () Luís, a vítima, toda ensanguentada, foi atendido no local.
c) () Luís, a vítima, todo ensanguentado, foi atendido no local.
d) () Luís, a vítima, toda ensanguentada, foi atendida no local.
- 18 – a) () Aquela garota é meia doida, faz tudo pra se aparecer.
b) () Aquela garota é meia doida, faz tudo pra aparecer.
c) () Aquela garota é meio doida, faz tudo pra se aparecer.
d) () Aquela garota é meio doida, faz tudo pra aparecer.
- 19 – a) () Não consulte aquele médico, porque ele tem rinha comigo.

- b) () Não consulte aquele médico, porque ele tem rixa comigo.
c) () Não me consulte com aquele médico, porque ele tem rixa comigo.
d) () Não me consulte com aquele médico, porque ele tem rixa comigo.
- 20 – a) () Apesar de todos os problemas que temos nessa vida, conseguimos nos manter em pé.
b) () Apesar de todos os problemas que temos nesta vida, conseguimos nos manter em pé.
c) () Apesar de todos os problemas que temos nessa vida, conseguimos nos mantermos de pé.
d) () Apesar de todos os problemas que temos nesta vida, conseguimos nos mantermos em pé.

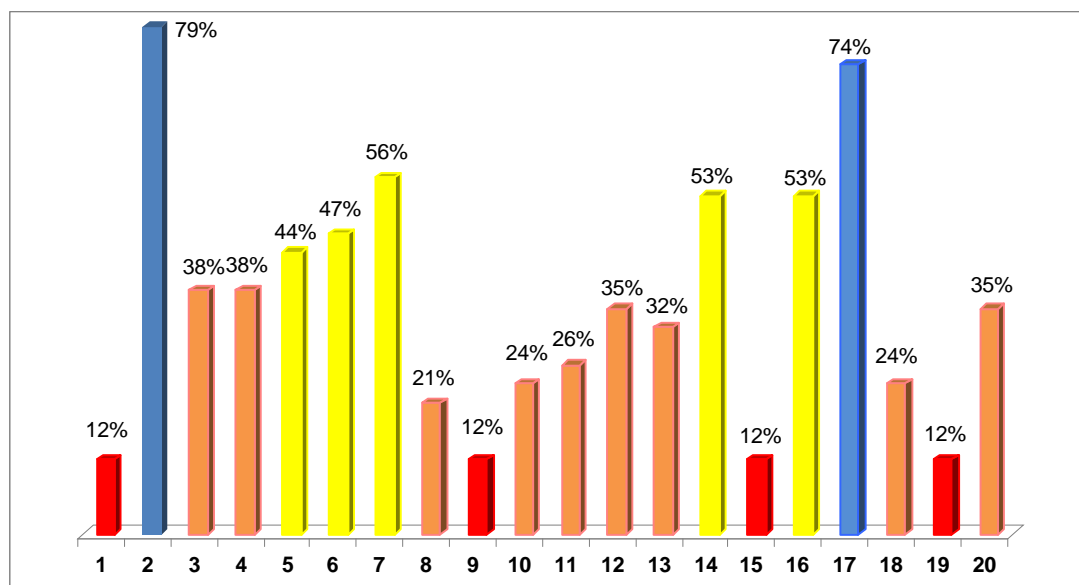


Figura 1 – Porcentagem de acertos do curso de Letras por questão

Tabela 1 – Porcentagem de acertos do curso de Letras por conteúdo

CONTEÚDO	ACERTOS
Conjugação Verbal	31%
Emprego e colocação pronominal	56%
Regência verbal	23%
Concordância nominal	39%
Concordância verbal	30%
Gênero de substantivo	56%
Total	39%

ANEXO III

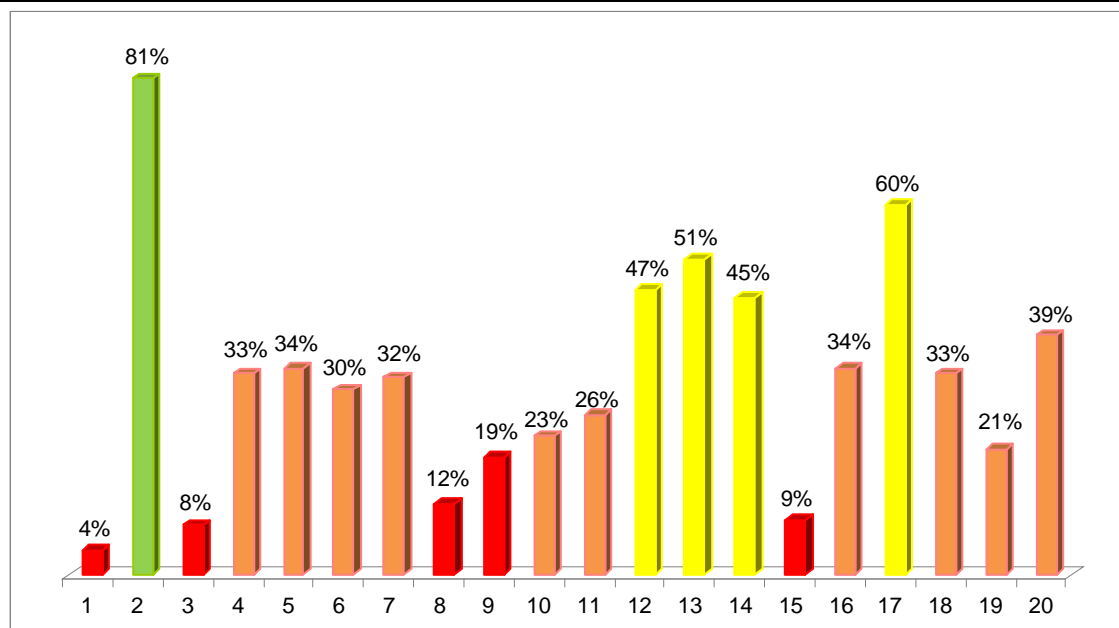


Figura 2 – Porcentagem de acertos do curso de Comunicação Social por questão

Tabela 2 – Porcentagem de acertos do curso de Comunicação Social por conteúdo

CONTEÚDO	ACERTOS
Conjugação Verbal	24%
Emprego e colocação pronominal	53%
Regência verbal	15%
Concordância nominal	34%
Concordância verbal	36%
Gênero de substantivo	32%
Total	32,3%

ANEXO IV

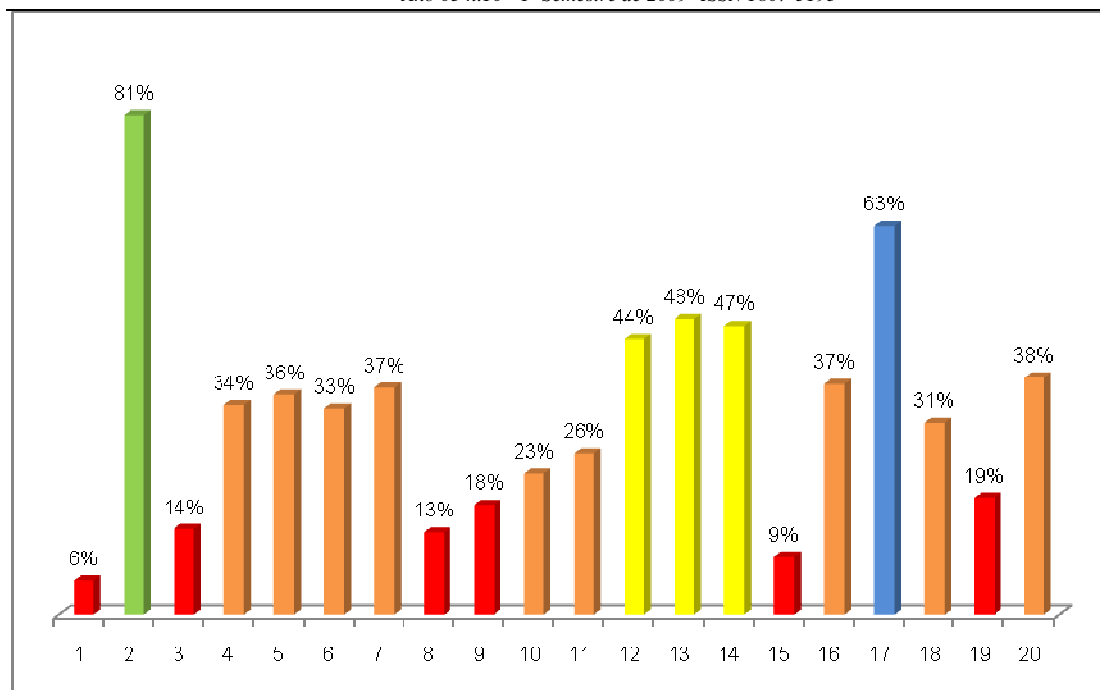


Figura 3 – Porcentagem de acertos dos cursos de Letras e Comunicação Social por questão.

Tabela 3 - Porcentagem de acertos dos cursos de Letras e Comunicação Social por conteúdo.

CONTEÚDO	ACERTOS
Conjugação Verbal	23,5%
Emprego e colocação pronominal	54%
Regência verbal	16%
Concordância nominal	35%
Concordância verbal	35%
Gênero de substantivo	37%
Total	33,5%

Referências bibliográficas

ANDRE, Hildebrando A. de. **Gramática Ilustrada**. 5 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2001.

----- . **A Língua de Eulália. Novela sociolingüística**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 11 ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Maria Cristina Mortean. **Concordância verbal e variação no ensino fundamental e médio**. 2005. Dissertação (Mestrado em estudos da linguagem). Universidade Estadual de Londrina.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de lingüística**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de letras, 2002.

SACCONI, Luiz Antonio. **Não Erre Mais**. São Paulo: Atual, 1995.

TUFANO, Douglas. **Guia Prático da Nova Ortografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.